

Relato de Experiência: A escola que queremos

Diva Rosa da Silva

"Muito do conteúdo do atual currículo é conhecimento de que ninguém precisa ou é necessário apenas para especialistas."

Seymour Papert

INTRODUÇÃO

Aproveito este espaço pra dar voz a algo que me faz repensar o papel da escola e do educador.

Durante toda minha caminhada profissional, desde 1968, iniciando como normalista e mesmo depois como pedagoga, venho refletindo sobre os fundamentos pedagógicos e a metodologia utilizados na escola tradicional que se prende a conteúdos pré estabelecidos.

Este é um fator que me traz muitos questionamentos e inquietações.

Percebo haver muita resistência por parte dos professores, já que preferem acomodar-se numa "zona de conforto" a mudar seus paradigmas e se voltar para um trabalho que exige muita competência e habilidade pra lidar sempre com a novidade.

E assumir-se também, como aprendiz.

RESUMO

Essa escola (que possui um referencial não tradicional/conteudista) traz em sua bagagem um olhar de comprometimento filosófico e de qualidade no processo educacional.

É o que Papert acredita e pontua; "que o ensino do modo que está não forma seres autônomos, mas autômatos."

Ele ressalta, que a escola da forma que a conhecemos - e que nossos pais e avós conheceram - precisa mudar radicalmente, sob pena de perecer.

Devemos dar a chance dos alunos apontarem suas necessidades de aprendizado.

Na verdade, eles já estão fazendo isso. Essas novas gerações cada vez mais aprendem fora da escola. São elas que estão chegando à escola e questionando; por que não estamos fazendo aqui o que sabemos como fazer em casa?

Elas estão pressionando as escolas e os professores a mudarem as coisas. Caso contrário, elas mesmas o farão.

Nas escolas Montessori, os professores não se sentam atrás de mesas, "impondo e comandando". Os alunos estão no centro, livres para escolher e agir. Os professores, simplesmente os guiam e os deixam voar, utilizando suas habilidades criativas, raciocínio e o pensar como forma de expressão.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Todo este relato é fruto de anos de trabalho, vivenciando experiências em diversas escolas da rede pública e privada.

É mais que um relato, é refletir sobre a escola que temos e a que queremos. Durante todo este tempo, venho buscando inovar e deixar um pouco daquilo que acredito, transformando a escola num ambiente onde a produção do saber resgate o brilho no olhar e a satisfação de todos os envolvidos no processo : pais, alunos, professores e funcionários. Essa é a escola que transforma e que me dá a certeza que sem paixão naquilo que acreditamos, é impossível mudar...

Qualquer aluno quer estar numa escola que desperte o desejo pelo saber. O ser humano é basicamente curioso. .. tem fome de saber, pesquisar, descobrir e construir seu conhecimento. E ao compartilhar esse saber, ele percebe o quanto verdadeiramente sabe. É com o outro que podemos mensurar o nosso saber, pois só na troca alcançamos, de fato, nosso grau de conhecimento sobre determinado assunto. Daí acreditar que essa escola que temos hoje (na grande maioria) que se propõe a ser extremamente conteudista, que valoriza uma quantidade enorme de informações aos alunos, sem que haja a preocupação com o desenvolvimento de práticas que desenvolvam o raciocínio, o pensamento crítico e o façam pensar.

Paulo Freire dizia que, enquanto a escola conservadora procura acomodar os alunos ao mundo existente, a educação que defendia tinha a intenção de inquietá-los.

Conhecimento e informações essa garotada encontra em diferentes fontes. A Internet é uma delas.

Vem crescendo no meio acadêmico - cada vez mais - a preocupação dos grandes Intelectuais da Educação com o desenvolvimento do raciocínio e com a cultura geral do aluno, além de trabalhar também os conteúdos das diversas disciplinas..

Precisamos de uma escola que desperte a pesquisa e a curiosidade!

A Sociedade não concebe mais indivíduos passivos - em todos os sentidos - e é exatamente o que o Ensino conteudista produz... Já que o aluno só recebe. O mundo mudou. ..a escola não muda nem a distribuição das carteiras em sala de aula...

É preciso haver troca, olhar o outro de frente. Interagir. ... Agrupar-se para integrar..

Precisamos de uma escola que defenda o ensino compartilhado com o aluno,

que dê prazer - tanto de ensinar, como de aprender.

Só assim, todo processo de aprendizado terá mais significado e com menor risco de ser esquecido; uma vez que o conhecimento fica sedimentado e a indisciplina fica mais difícil de acontecer já que o aluno é desafiado todo tempo a procurar respostas e soluções pra suas dificuldades ...

Há mais dinamismo nas aulas e o aluno se envolve mais ao ter que gerar alternativas utilizando sua capacidade de pensar.

É no grupo também que ele divide e compartilha estes desafios.. Socializando seus conhecimentos e enriquecendo-se com o saber do outro. Com o outro, ele também descobre que existem vários caminhos para se obter resultados iguais.

O professor é o facilitador.

A essência do professor, não é instruir.

E sim, facilitar. (Zona Proximal)

É aquele que não traz respostas prontas,mas que desperta o pensar. Ele não fica à frente da turma transmitindo conhecimento... Mas se dirige às mesas dos grupos de alunos... questionando, orientando e indicando fontes que facilitarão o processo da aprendizagem.

Proporcionar ao aluno um ambiente favorável à descoberta através de muita pesquisa científica é papel do facilitador. O aluno passa a ser construtor de seu próprio conhecimento e percorre o caminho semelhante ao dos cientistas, para comprovarem suas teorias.

Participar e observar a vibração dos alunos à cada descoberta, é a melhor recompensa e a melhor forma de avaliar o crescimento do aluno e o trabalho realizado pelo professor.

A avaliação também deixa de ser uma "prova" exaustiva pela qual o aluno tem que passar,muitas vezes deixando-o emocionalmente desestabilizado.

Ela pode ocorrer de diferentes formas durante todo o processo. De maneira natural, sem a conotação de cobrança. Onde aluno e professor vão avaliando os progressos e onde devem intervir e investir mais.

Sabemos que já existem muitas escolas que tem esta prática em suas instituições.

Mas a grande maioria, se for perguntado: a que teóricos eles se baseiam em sua prática pedagógica? Perceberemos que tudo não passa de uma grande "colcha de retalhos", sem embasamento teórico.

Muita coisa ainda acontece empiricamente.

Que esta visão de uma proposta pedagógica mais voltada para o aluno, onde professor e aluno caminhem na mesma direção e cuja missão da escola seja de transformar, e não de manter esta visão antiga e tradicional que não encontra eco num mundo em constantes mudanças; é essa a escola que precisamos buscar ...

Que façamos acontecer, enquanto educadores comprometidos numa era digital onde tudo acontece de forma rápida e as informações surgem e se modificam a todo momento.

Estar pronto para compartilhar o saber neste novo cenário é tarefa que exige

capacitação contínua, ir à luta, acreditar nas potencialidades dos alunos, estar aberto à mudanças e buscar sempre o nosso melhor como pessoa e como profissional.

Referências

Seymour Papert

Método Montessori - Maria Montessori

Teorias da Aprendizagem: Piaget - Vygotsky - Freinet

Paulo Freire

Portais Educacionais

Screenshot_2016-10-02-08-48-01.png

10-02-08-48-01.png



Produção
MultimelOS

Baseado na ilustração do Professor Eric Siqueira disponível em <http://igj>

